



Todo sentimento, dos diretores baianos Glenda Nicácio e Ary Rosa, apresenta uma narrativa dramática e carregada de afeto

Tempos de distopia

» NAHIMA MACIEL

É num Brasil distópico, no qual a comunidade LGBTQIAPN+ enfrenta ataques cada vez mais agressivos, que o personagem de Glenda Nicácio e Ary Rosa Duarte está confinado. Henrique se isola em uma fazenda colonial enquanto o país vem abaixo. Ele sabe que passou a ser socialmente indesejado. É o mesmo Henrique que havia sido sequestrado para fazer um filme em *Ilha*, o longa anterior da dupla, mas agora há um desencanto que supera a frustração do personagem no primeiro filme. Nesse cenário, o jovem Gustavo (Lucas Neto) atravessa o isolamento de Henrique (Aldri Anunciação) com uma narrativa não exatamente crível, mas conveniente: foi enviado por um amigo para quebrar a solidão do protagonista. A partir desse argumento, a história de *Todo sentimento* percorre um caminho pontuado

pelo afeto, mas também pelo medo causado pelo autoritarismo instalado no país. “É um projeto que estava na nossa lista de mais queridos há alguns anos, e, de alguma forma, é uma continuação do nosso segundo longa, *Ilha*, continuamos com o personagem Henrique”, explica Glenda, lembrando que o longa integrou a Mostra Competitiva do 51º Festival de Brasília, em 2018. Expoente importante do cinema independente feito no Recôncavo Baiano, Glenda ganhou a telas com produções que abordam histórias vividas nas margens dos grandes centros, histórias de personagens cujo protagonismo ganha cada vez mais espaço. Em *Todo sentimento*, os diretores escolheram um contexto distópico como forma de reforçar a ideia de uma disfuncionalidade política e social que, em alguns aspectos, dialoga com a realidade contemporânea. “Tudo que estamos vivendo, enquanto indivíduos, mas enquanto produtores

de cinema independente também, enquanto cultura, enquanto brasileiros, é um pouco absurdo, então a distopia cai muito bem, porque está tudo tão absurdo que precisa dessa lente para conseguir entender o momento, que extravasa qualquer tentativa de naturalismo”, garante. A escolha de uma história que se passa no futuro e em uma fazenda colonial são dois traços importantes das escolhas de Glenda e Ary. “A gente imaginava o futuro com carros voando, mas, quando se trata de valores e humanidade, retrocedemos. Estamos caminhando para um futuro em que tudo é parecido com agora, que parece ser o pior que podia acontecer”, lamenta a diretora, que se tornou nome de referência do cinema independente feito a partir de um olhar periférico, com produções nascidas no Recôncavo Baiano. Ela conta que, muitas vezes, ficou com medo de o roteiro se tornar anacrônico, mas se deu conta, ao concretizar

o projeto, da atualidade da narrativa. Mesmo assim, Glenda enxerga certo otimismo em *Todo sentimento*. “Porque era um pouco mais trágico, acho que conseguimos, nas nossas frustrações, salvar uma pontinha de otimismo enquanto roteiro”, avisa. O afeto que nasce entre os dois personagens é importante nessa constatação. Gustavo e Henrique embarcam em um relacionamento e, contra todas as probabilidades em tempos perigosos e obscuros, conseguem construir um espaço de afetuosidade que é, de certa maneira, uma forma de resistência. “O afeto é o que traz o encontro”, acredita Glenda. “Conviver é difícil. A melhor e a pior parte do mundo são as pessoas e a convivência exige uma troca, um jogo, reposicionamentos, entrega, concessões, partilha”, diz, ao apontar que o isolamento vivido pelo mundo durante a pandemia de covid-19 também inspirou parte do roteiro do filme.

Divulgação



Brasil distópico é cenário para *Todo sentimento*

Atrações no Cine Brasília (EQS 106/107)

» às 9h, Filmes do Festivalzinho: *Bruce Spike e a missão contra o medo* (de Lucas Bezerril e Gabriella Plothow), *OMEDODEEDU* (de Bruno Mazzilli e Tiago Judas), *Theo* (de Jo Galvv e Monica Palazzo), *Em que língua você ri?* (de Giuliano Robert) e *Sonhos voadores* (de Luiz do Futuro, Marcus

Vasconcelos e Vanessa Fort) » às 15h, Mostra Caleidoscópio com exibição do longa *Tempo à faca*, (com debate às 17h, no auditório). Filme dirigido por Diogo Oliveira, a partir de roteiro dele e de Ruy Guerra. Na trama, destinos de várias pessoas são tocados,

a partir de dupla jornada em que personagens buscam vinganças ou completar misteriosas tarefas.

» às 18h, Mostra Brasília (entrada franca), com exibição do curta *A arte perdida da lombada* (de Helena Sarmento e Gabriel Brito) e do longa

Onde moram os irmãos, de Marisa Mendonça. No longa, uma mulher trava uma batalha interna, com situação de luto, enquanto assume o negócio imobiliário tradicional na família.

» às 21h, apresentação da mostra competitiva.

CRÍTICA // Pequenas tragédias ★★★★★

Diferenças interditadas

» RICARDO DAEHN

Uma cidade adoecida pela mediocridade de repelir progressistas e salvar a “cidadãos comuns” (moralistas): assim é a Catalão representada pela ótica do diretor Daniel Nolasco, que defende o inventivo documentário *Pequenas tragédias*. O idílico potencial de lugarejo interiorano visto em *Férias de amor* (comédia citada no filme) se esvai quando, sob o olhar maduro de Nolasco, aponta-se para o extermínio do povo Guayaz (na região) e para crueldades do ódio coletivo subjacente à existência de gays. No filme, o tapete é levantado, as hostilidades, crescentes, mas o cerco da narrativa não aponta para vingança. Existe uma porção de amor e (quase) pertencimento reclamada pelas origens de Nolasco, com potente e sábio domínio sobre o tema do preconceito. Dividida entre lugares em que (o diretor) “transou” e aqueles “em que sofreu ameaças”, a cidade vem descortinada pela moradacidade do narrador (testemunha ocular) dos lugares públicos apegunados pelas ausências (de amigos gays fagocitados pela homofobia estrutural), pelos

silenciamentos e pelos suicídios, mas ainda pelo abraço ofertado por desconhecidos (ressoa o “Eu sempre dependi da gentileza de estranhos”, cunhado por Tennessee Williams). A intimidade com o espectador é conquistada como no relato de um diário escancarado. Sem filtros, Nolasco fala de códigos e comportamentos, junto com fetiches, inseguranças, desespero por validação, e de dignidades de conhecidos dele recobradas (nem que seja de modo póstumo). Personagens refratários, apartados do meio gay recebem a visão do cineasta (encenado por Guilherme Théo, na tela), pleno, no poder modificador da narrativa (algo próximo ao estilo de Wes Anderson). *Pequenas tragédias* descreve abertos flertes e assinala o obscuro lado homoerótico de uma simples pelada de futebol ou de uma singela rodada de “pega-varetas”. Num momento hilário, a mãe compactua com a sexualidade do filho, ao que solta um: “Tá tudo bem, só não conta pra ninguém, tá?” O constrangimento associado a “filme de viado” (como assinalado na trama) é tratado com leveza e ironia, mas com a responsabilidade de referendar Guy Hocquenghem,



Cena de *Pequenas tragédias*: peso para o tom confessional de Daniel Nolasco

Ney Matogrosso e até a série Barrados no baile. Entre os adendos diretos, e divertidos, o cineasta confessa ter prometido “ao distribuidor (do filme) não explicitar cenas de sexo”. Mas, debela a limitação, por momentos, num entreato da trama.

Há criatividade no uso de cenas a céu aberto (embebedas por Lars von Trier), e o relato de cicatrizes (aparentes ou não) ganham peso com o coadjuvante Lucas Drummond e a artista Aivan — respectivamente, Samuel, o nerd tímido que traz

uma relevância sacra, aos moldes de um São Sebastião (na cena do acolhimento), e Monalisa, a acuada trans sabotada no pretendido enterro idealizado (aos moldes de A falecida), e que emociona no canto de O amor é tão longe.

ENTREVISTA // GLENDA NICÁCIO, CINEASTA

Cinema negro, representação LGBTQIA+, distopia, território, masculinidade negra, trauma, desejo, memória, política e a própria trajetória da Rosza Filmes: como esses temas se entrelaçam no filme?

São roteadores de uma história contada a partir desses pontos, junto com esses pontos costurados que, de alguma forma, é um recorte do nosso próprio processo de produção. Conversa muito com a gente, seja no lugar de reclusão, de produzir no interior do Brasil, onde se tem menos, verba, estrutura e acesso. E com o tipo de cinema independente, feito a partir do possível, com pequeno orçamento. Isso tudo se conecta com a gente, com nossa equipe, com nossas vivências negras, gays, lésbicas e de negritude.

O que significa o isolamento de Henrique? É possível se proteger do mundo se afastando dele?

Acaba que não, nenhum lugar é seguro, essa busca por segurança, como se o isolamento fosse salvador, não é o que acontece. Ninguém está seguro no fim das contas, a partir do momento que vivemos em comunidade dependemos das relações. Gustavo aparecer também denota o tanto que aquele homem precisava de alguém. Ninguém vive sozinho. Fazenda - se conecta com o lance do futuro, de um futuro que acaba sendo colonial, restrito, que parece que é uma história que já passou e retorna

Qual a relação de *Todo o sentimento* com os filmes *Ilha* e *Voltei*? Tem um diálogo?

O diálogo com *Ilha* se estabelece na própria história de *Todo sentimento*, a gente faz alusão ao processo do *Ilha*, que é um filme que existiu no personagem do Henrique. Me agrada muito essa sensação de que os personagens continuam vivendo depois que os créditos sobem. Ele envelheceu, amadureceu e está vivo. Passaram anos e é o momento de um futuro distópico, com uma cara de Brasil do passado onde algumas ditaduras e liberdades estão sendo cerceadas, especialmente as da comunidade LGBTQIN+.